

# O Brasil e a nova onda progressista na América Latina: desafios e perspectivas

---

JOÃO PAULO URBANO

**A** nova conjuntura da América Latina aponta para a retomada de novos governos progressistas no continente. A esquerda hoje se reorganiza e volta ao poder depois de anos do que poderíamos chamar de uma onda conservadora e de direita. Vale destacar que, no início do século, ocorreu um cenário que apresenta fortes semelhanças com o atual. A Maré Rosa, como ficou conhecida a primeira onda de governos de esquerda na região, foi resultado de um processo que também resultou da derrocada de governos de direita, culminando na ascensão de governos de inclinação política esquerda. Na época, com uma conjuntura internacional favorável com o boom das commodities, houve uma redução considerável da pobreza e desigualdades na região. Mesmo com esses ganhos sociais, a esquerda não conseguiu continuar no poder e em meio a novas crises, perdeu lugar para novos governos de direita que rapidamente colocam em xeque as conquistas do período passado (SANTOS, 2018).

Com a possível eleição de Luís Inácio Lula da Silva no Brasil, teríamos então a consolidação dessa nova onda, um processo que se inicia desde a derrota de Mauricio Macri, ex-presidente argentino, e que ganha novo fervor com as recentes vitórias da esquerda no Chile e na Colômbia. A expectativa é que um novo governo Lula daria um fim nessa onda conservadora, tendo em vista que isso significaria também a derrota de Jair Bolsonaro, o representante mais forte da extrema direita no continente. A esquerda encara esse momento com esperança de que essa nova onda possa finalmente curar os males da América Latina e sanar as crises políticas que assolam a região no atual momento.

Entretanto, busco nessa análise trazer algumas reflexões e sustentar algumas teses. Os governos da dita Maré Rosa se mostraram insuficientes em colocar em prática as mudanças necessárias para os seus respectivos países. Anos de governos de esquerda em nada previnaram as crises econômicas e os ganhos sociais do período foram facilmente convertidos aos planos de austeridade dos novos governos de direita, que, com certo êxito, destruíram as poucas garantias de direitos alcançados no período anterior. É neste cenário que com a possível vitória de Lula, o Brasil teria a chance de ser o protagonista do processo de reconstrução da esquerda latino-americana, tendo em vista que um novo governo Lula terá difíceis missões no que tange a sua política interna, ao ter que lidar com a crise econômica e social que vem assolando o Brasil após a pandemia da covid-19 e

terá também, uma difícil missão no que tange a integração latino-americana. Dito de outra forma, o cenário apresentado em 2002 é brutalmente diferente do cenário de 2022.

Encarando dessa forma, pretendo sustentar nessa análise as respostas para alguns questionamentos que surgem. Se a Maré Rosa não cumpriu seu papel de construir no continente políticas sólidas de melhorias econômicas e sociais, nem conseguiu conter o ressurgimento da direita e da extrema direita, quais serão os desafios dessa nova onda para não cair nos mesmos erros do passado? Um novo governo Lula será capaz de sanar as condições de miséria e desigualdade que se instauraram entre o povo Brasileiro? Em suma, se da primeira vez a Maré Rosa, e em específico os governos petistas, resultaram em tragédia, uma nova onda progressista se repetiria enquanto uma farsa?

## Balanço da Maré Rosa

Para projetarmos o que será essa possível nova onda progressista é preciso antes, entender o que foi a Maré Rosa. O termo foi criado justamente para descrever governos que não eram “vermelhos” em uma associação direta com políticas de uma esquerda radical, mas que tinham um tom mais ameno, portanto “rosa”, mais ligado a uma perspectiva social-democrata latino americana. O processo se iniciou então desde a eleição de Hugo Chávez na Venezuela, passando pela eleição de Lula no Brasil, Kirchner na Argentina, Tabaré Vázquez no Uruguai, Evo Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador e Fernando Lugo no Paraguai (SANTOS, 2018). Esses governos, mesmo a partir de particularidades tão diferentes, tiveram em comum a dificuldade e a incapacidade de sustentar mudanças estruturais a longo prazo e não conseguiram avançar em medidas que superassem de vez a condição de dependência econômica e política sofrida no continente.

Florestan Fernandes afirmava que a história da América Latina é a história da contrarrevolução permanente. A região tão atravessada pelo imperialismo é marcada pela tentativas constantes de se alcançar seu desenvolvimento e conseqüentemente marcada também, pelas derrotas dessas mesmas tentativas (FERNANDES, 1979). José Carlos Mariátegui, pensador peruano, sustentava uma tese reveladora sobre a realidade latino-americana. Mariátegui percebeu que a antinomia entre a burguesia e a nação demonstravam que o padrão de luta de classes que caracteriza o capitalismo dependente na América Latina, inviabiliza a reforma como via para superar o subdesenvolvimento (MARIÁTEGUI, 1990). É a partir desses entendimentos que os governos da Maré Rosa possuem um universal em comum. Seus programas políticos foram incapazes de combater o processo de contrarrevolução imposto pelas classes dominantes da região. Se por um lado os ganhos sociais desse período foram inéditos, e dignos de reconhecimento, por outro a não radicalidade em se combater as estruturas do sistema abriram margem para a destruição das conquistas no período sucessor e não foram completamente eficazes em erradicar a pobreza, a miséria e a desigualdade.

Segundo Dos Santos e a partir das perspectivas de Florestan, o que o continente atravessou com a Maré Rosa foi mais um momento dessa "contrarrevolução permanente". O autor sustenta que: "O ensejo de modificar estas sociedades sem enfrentar a raiz dos problemas - que remete à articulação entre dependência e desigualdade legada do passado colonial - limitou a mudança à superfície da política" (SANTOS, 2018). E completa:

---

*Deste ponto de vista, a onda progressista pode ser vista como mais um capítulo da contrarrevolução permanente que caracteriza a dominação burguesa na América Latina, porque, a despeito das boas intenções originais, ela se impôs como uma lei da gravidade sobre os achados propósitos de mudança. Frequentemente o teto baixo para a reforma se converteu no próprio chão para o progressismo (SANTOS, p. 20, 2018).*

Outro ponto a ser observado é a conjuntura internacional da época. O Boom das Commodities como ficou denominado o momento de alta das commodities no plano internacional foi um fator central para o mínimo avanço realizado com a Maré Rosa. Segundo Balakrishnan e Toscani:

---

*No nosso mais recente relatório sobre as perspectivas econômicas regionais para a América Latina, mostramos que a taxa de pobreza caiu de cerca de 27% para 12%, e a desigualdade recuou quase 11% em toda a América Latina entre 2000 e 2014. Nesse período, comumente chamado de boom das commodities, os preços de produtos como o petróleo e os metais, subiram de forma constante graças à demanda crescente de economias emergentes como a China e a Índia (TOSCANI, R. B. E F, 2018).*

O cenário de 2022 é completamente diferente. O Brasil e os outros países da região, enfrentam cada qual a seu modo, graves crises decorrentes da pandemia da covid-19. A conjuntura internacional também sofre com a desaceleração econômica ocasionada pela pandemia e, portanto, não é de se esperar um novo boom de commodities até o reaquecimento da economia mundial. Os novos governos de esquerda recuperam o poder em um cenário completamente contrário do início do século, o que com toda certeza demandará mais esforços na construção prática de um programa que atue em prol da população.

## Balanço dos governos Lula-Dilma: 2002 à 2016

Pensando na especificidade do que foram os governos petistas e na construção do que seria um novo governo Lula, alguns apontamentos são necessários. Em 16 anos de governos do Partido dos Trabalhadores, o Brasil avançou, inegavelmente, em vários parâmetros sociais. Uma das maiores conquistas desse período se deu com a saída do país do mapa da fome, fruto de anos de políticas de assistência social e do avanço das lutas dos movimentos sociais. Entretanto, o balanço até então apresentado da Maré Rosa ilustra perfeitamente a particularidade do que foi a experiência de esquerda no Brasil. Lula, aliando a conjuntura internacional favorável com uma hábil política de conciliação de classes, conseguiu durante seus mandatos angariar ganhos sociais para a população ao mesmo tempo que no plano econômico garantiu os ganhos financeiros dos empresários e banqueiros, em suma, dos representantes da classe dominante (NA ERA..., 2011).

Após 8 anos no poder, o então presidente consegue garantir a posse de sua sucessora, a presidenta Dilma Rousseff. Entretanto, o cenário internacional muda drasticamente com o esfriamento da economia mundial no período pós crise de 2008. Diferentemente do seu antecessor, conhecido por seu trato político incomparável, a inabilidade de Dilma para lidar com a crise é central nos acontecimentos que virão. Em Junho de 2013, o país entra em convulsão política: um movimento de massas heterogêneo, com pautas distintas mas que coloca o governo petista em xeque. Se demandava de forma geral uma reforma política, o fim da corrupção e a melhoria da qualidade de vida da população (FERNANDES, 2019). Durante esse período, o país enfrentou uma série de desafios econômicos e políticos que afetaram negativamente sua posição no cenário internacional. Isso incluiu uma desaceleração do crescimento econômico, altas taxas de inflação e uma deterioração da balança comercial. Além disso, a crise política no país foi agravada pelos escândalos de corrupção aliados aos protestos populares. Tudo isso contribuiu para uma diminuição da confiança dos investidores e dos parceiros comerciais internacionais no Brasil (CERVO & LESSA, 2014). Chegada a eleição de 2014, a então presidenta eleita Dilma Rousseff, se reelegeu prometendo uma guinada à esquerda. Isso posto, num cenário avançado da crise, a presidenta escolheu como seu Ministro da Economia, Joaquim Levy, um economista notadamente liberal que colocou pra frente um programa de austeridade. Na época a indicação surtiu efeito na esquerda que julgou a mesma como uma forma clara de estelionato eleitoral. A crise, agravada pela incapacidade de reformas econômicas à altura das questões atuais, e a convulsão política ocorrida por Junho de 2013, foram a receita completa para o golpe de 2016 com o impeachment de Dilma.

A saída do PT do poder não conseguiu gerar comoção popular suficiente para que o golpe fosse contido, fazendo com que o vice-presidente eleito, Michel Temer, terminasse o mandato sem maiores dificuldades, mesmo sendo um dos presidentes mais impopulares da história (COM 82% DE REJEIÇÃO..., 2022). Com pouco tempo de governo, o Brasil não tardou a voltar para o mapa da fome em razão da destruição das políticas públicas orquestradas no governo Temer. Incontestavelmente, uma questão surge: como anos de políticas públicas e de combate à miséria puderam ser facilmente revertidas com tão pouco tempo de governo? Encaro essa questão da mesma forma que os autores apresentados acima sustentaram suas teses. No contexto latino-americano, programas reformistas sempre estarão à mercê das políticas contrarrevolucionárias das classes dominantes. A falta de radicalidade de enfrentar as estruturas e de defender um programa combativo, levaram o PT a ser golpeado e perder as conquistas mínimas de anos de trabalho.

O Brasil de Bolsonaro é a continuidade desse processo contrarrevolucionário. O que Temer iniciou, Bolsonaro continuou. Paulo Guedes, o atual Ministro da Economia, fez escola na ditadura chilena, na qual participou do plano econômico neoliberal de Pinochet, e assim tem mantido suas práticas no país. O Brasil que saiu do mapa da fome, após anos de políticas assistencialistas, hoje volta a figurar no quadro da insegurança alimentar. Hoje já se somam 33 milhões de brasileiros atingidos pela fome. Como aponta o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar, esse é o maior número desde o início da década de 1990 (GONÇALVES, R., 2022).

## Perspectivas e desafios de um novo governo Lula

É diante desse cenário que Lula, junto ao PT, desponta para as eleições de 2022 como o candidato com mais chances de ser eleito. Diante disso, vejo necessário uma análise das práticas encabeçadas até agora na campanha e uma análise do programa até então divulgado pelo ex-presidente do Brasil.

Um dos pontos que julgo mais importante nesse processo eleitoral é evidenciar a escolha da Vice-Presidência da chapa: Geraldo Alckmin, ex-governador de São Paulo e antigo adversário político de Lula e do PT. Alckmin fez sua carreira política no PSDB, partido reconhecidamente de direita, no qual participou durante maior parte da sua vida. Para fins notadamente eleitorais, Alckmin muda de partido para o PSB, numa tentativa de se colocar como uma figura mais "neutra" ou de caminhar mais para o lado da centro-esquerda. A justificativa de uma aliança como essa, se deve a necessidade de se derrotar Bolsonaro e a extrema-direita a qualquer custo. Porém esse custo pode ser alto para a população brasileira. É preciso lembrar o que foram os anos de Alckmin no governo paulista: entre escândalos de corrupção, violência policial, precarização da vida do povo, o governo tucano se sustentou

por mais de décadas no estado. Um dos piores massacres da história do país, o Massacre do Pinheirinho (como ficou conhecida a operação de despejo da comunidade do Pinheirinho), tem responsabilidade direta do governo Alckmin. A Polícia Militar de São Paulo, a mando do governo do estado, invadiu a ocupação cumprindo uma ordem de reintegração de posse. O aparato montado contou com um total de 2000 policiais fortemente armados e até helicópteros. A operação ficou marcada após demonstrações brutais de violência por parte das forças policiais na expulsão e intimidação dos moradores despejados, em meio a mortos e feridos (BRASIL..., 2012). A aliança com Alckmin é um aceno claro às classes dominantes de que a elite econômica continuará usufruindo dos seus privilégios.

Outro ponto central é o rebaixamento político do programa apresentado até então pela chapa Lula-Alckmin. O novo programa de governo simula as mesmas diretrizes dos programas apresentados nos primeiros mandatos do PT. Entretanto, como já apontado, a conjuntura de hoje é completamente diferente das décadas passadas. Como aponta o professor Rodrigo Lima:

---

*A combinação do teto de gastos, da Reforma da Previdência, da Reforma Trabalhista, das Privatizações do patrimônio público, o congelamento de salários, com a perda de renda dos trabalhadores, associados aos cortes em áreas fundamentais como saúde e educação resultaram em uma nova etapa de acumulação capitalista que se expressa em lucros exorbitantes para setores do empresariado, principalmente ligados ao agronegócio, ao varejo e ao sistema financeiro, e no aumento da miséria e das desigualdades sociais no país (LIMA, 2022).*

A partir desses pontos é que analiso que o que se apresenta hoje é um programa político que simula as mesmas iniciativas reformistas do passado em um cenário cada vez mais desafiador. Sem pautar a revogação das reformas dos últimos anos e a revogação do teto de gastos, um governo Lula não conseguirá promover os mesmos ganhos sociais do período passado. A movimentação do PT tende a estar cada vez mais do lado direito do cenário político. Para dar conta de lidar com a crise brasileira, com o cenário de miséria e desigualdade que atravessou a população nos últimos anos, é preciso aprender com os erros do passado. Para que a história não se repita como farsa, e evite a tragédia que resultou no primeiro ciclo, é preciso parar de buscar no passado os mesmos caminhos de sempre. É preciso enterrar os velhos paradigmas para buscar no futuro a superação das condições de miséria da vida da população atual.

## Referências

---

BRASIL: “Massacre do Pinheirinho” Causa Revolta e Comoção no País. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2012/01/24/brasil-pinheirinho-massacre/>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014). Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, v. 57, n. 2, p. 133-151, jul./dez. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292014000200133&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292014000200133&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 ago. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400308>.

COM 82% DE REJEIÇÃO, Temer se torna presidente mais impopular da história. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/com-82-de-rejeicao-temer-se-torna-presidente-mais-impopular-da-historia/>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

FERNANDES, Florestan. Apresentação IN Lenin, Vladimir Ilitch. Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento. São Paulo : EDITORA HUCITEC, 1979.

FERNANDES, Sabrina. F363s. Sintomas Mórbidos. São Paulo (SP): Autonomia Literária, 2019.

GONÇALVES, R. “Assumir a fome não é errado”, explicam pesquisadores do tema. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/08/5032597-assumir-a-fome-nao-e-errado-explicam-pesquisadores-do-tema.html>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

LIMA, Rodrigo. A conciliação de classes como farsa. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal2/29169>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Temas de Nuestra América. Lima: Amauta, 1990.

NA ERA LULA, bancos tiveram lucro recorde de R\$ 199 bilhões. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/na-era-lula-bancos-tiveram-lucro-recorde-de-199-bilhoes-2818232>>. Acesso em: 29 ago. 2022. Acesso em : 28 ago. de 2022.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)/ Fabio Luis Barbosa dos Santos. – São Paulo : Elefante, 2018.

TOSCANI, R. B. E F. Como o boom das commodities ajudou a reduzir a pobreza e a desigualdade na América Latina. Disponível em: <<https://www.imf.org/pt/News/Articles/2018/06/20/blog-how-the-commodity-boom-helped-tackle-poverty-and-inequality-in-latin-america>>. Acesso em : 28 ago. de 2022.